

Mia Couto. *Vagas e lumes*. Lisboa: Caminho, 2014

Victor Azevedo*

Se como dizia Jorge Luis Borges “Todo poema, com o tempo, é uma elegia”, *Vagas e lumes*, de Mia Couto (Lisboa: Caminho, 2014) é a plena celebração do que vaticinou o poeta argentino. Publicado meses após a perda de seu pai, o livro é um canto de despedida [“Se partiste, não sei. / Porque estás, / tanto quanto sempre estiveste. [...] Moras dentro, / sem deus nem adeus.” (“O habitante”, p. 14-15)]. A organização dos textos poéticos está sob dois agrupamentos: as *vagas* e os *lumes*. Na primeira parte, há uma seleção de poemas, cuja temática versa, em sua maioria, sobre memórias afetivas e poéticas. São assuntos que ora, num ir e vir de versos, se assemelham às vagas do mar [“Não quero o mar.//Quero o instante / em que o oceano inteiro / se enrosca numa só onda” (“Exíguos anseios”, p. 25)], ora preenchem os espaços da memória com lembranças familiares [“E no seu ventre, / onde a luz se ajoelha, / certa vez se desenroscou / a trança cega do

Tempo.//Por isso, mãe, / os meus olhos são teus.//E eles não servem para ver.// Apenas para recordar.” (“Prematuros olhos”, p. 19)]; recordações da paisagem [trabalhando os lexemas *mar, rio, sal e terra*]; inspirações de poetas brasileiros [“(Drummond”, p. 49-50); (“João Cabral”, p. 51); (“Manoel de Barros”, p. 52-53)] que invadem o *locus* poético de maneira confessional; e, por fim, memória como desejo de viagem [“Naufrágio / não de barco, / mas de não haver viagem” (História trágico-marítima”, p. 39)]. Essa parte culmina com o poema-síntese epigramático que divide os dois blocos [“Há quem se deite / em fogo / para morrer.// Pois eu sou / como o vagalume: / – só existo / quando me incendeio.” (“Vagas e lumes”, p. 86)].

Muito se identifica, nesse novo livro, diversos dos elementos constitutivos da poética miacoutiana, a partir de *Raiz de orvalho e outros poemas*, na reedição de 2009 (Lisboa: Caminho). A viagem da memória começa pela retomada da epígrafe de René Char [“No auge da tempestade / há sempre um pássaro para nos tranquilizar / É a ave desconhecida / Que canta antes de voar”] que ganha novo significado, agora sob o signo do funéreo – ave agourenta que prenuncia a morte. O lugar da utopia que os versos surrealistas pareciam anunciar, na produção de 1980, com a retomada de símbolos da terra

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

moçambicana, se diluiu num discurso distópico [“Com as mãos em chaga / enterrado a prometida nuvem / onde esperava o repouso de paraíso.//E volto a falecer para que saírem os teus pés” (“A mãe e a nuvem”, p. 68); “Já me cansa / ter esperança.//De tanta quimera desfeita / aprendi a existir de sobras, / neste tempo de quases e nuncas.” (“Quimeras”, p. 140)]. E isso se reforça ao se compararem poemas homônimos. Em *Raiz de orvalho*, o poema “Viagem”, de 1984, trazia algo de sensual em seus versos [“O beijo da quilha / na boca da água / me vai trocando entre céu e mar, / o azul de outro azul [...] //Se chorasse, agora, / o mar inteiro / me entraria pelos olhos” (2009, p. 70)], o que, em “Viagem” de *Vagas e lumes*, passa a ser desertotizado [“No caminho / tinha um rio. / E o rio / tinha da navalha / o apurado fio. / E cortou em dois o mundo. [...] //Sem terra, sem rio, sem céu, / não me restou / senão o vislumbrar / de um sonho.//[...] Depois, aos poucos, / o sonho me devorou a vida” (2014, p. 26-27)].

A segunda parte do livro apresenta alguns *lumes* em poemas que tratam da infância, do amor e da alma. De resto, percebe-se que a construção elegíaca já está na seleção de títulos de alguns poemas de ambas as partes, como “Incertidão de óbito”, “Testamento”, “Errata”, “Indiagnóstico”, “A ferida”, “O adeus ateu”, “Derradeiro sonho”, “A partida”, “Funeral”, “Impossível despedida”, “O que deixo por legado”, “Falso luto”, “Da saudade e da urgência”, “Sombra”, “Quimeras” e “Emboscada”. Essa forma poética pode ser entendida à maneira de Jean-Michel Maulpoix, para quem a elegia

não é somente o canto fúnebre de diferentes tipos de perda, como pensa Jahan Ramazani ou Diana Fuss², mas um canto da melancolia alegórica, que pode se juntar ao primeiro sentido do termo, a fim de reescrever uma cartografia da dor.

A representação da dor é elaborada no fino exercício poético intertextual, ao manter conexão com o estilo drummondiano de ver o mundo, de *A rosa do povo*, de 1945, e com as citações, em alguns poemas, sobre a necessidade de trabalhar a palavra ao modo de João Cabral de Melo Neto, de *Educação pela pedra*, de 1966.

Em “Raiz de orvalho”, poema homônimo do livro, há um indiciário de temas que se desenvolvem na obra do escritor, como o sonho, o despertar, a viagem, a infância, a varanda, a memória, o esquecimento, entre tantos outros [“Sou agora menos eu / e os sonhos / que sonhara ter / em outros leitos despertaram // [...] De quando em quando / me perco / na procura da raiz de orvalho / e se de mim me desencontro / foi porque de todos os homens / se tornaram todas as coisas [...] //como se me furtasse / à sonolenta carícia / desse corpo que faço nascer / dos versos / a que livremente me condeno” (2009, p. 39-41)]. Alguns não figuram mais no poema “Raiz” de *Vagas e lumes* [“Não é o viver que cansa.//É o não haver morto / que, em mim, não ressuscita.//[...] O meu sonho / vai lavrando noites / e não há fundura na terra / que rece-

² Esse novo conceito de elegia está sendo estudado, em sua tese sobre José Craveirinha, Virgílio de Lemos e Luis Carlos Patraquim, por Guilherme de Sousa Bezerra Gonçalves, doutorando da UFRJ, que, gentilmente, me forneceu bibliografia recente (Jean-Michel Maulpoix, Ramazani e Diana Fuss) sobre o assunto.

ba o meu sono.//A casa / segue a vocação da asa.//E eu, / para ser feliz, / esqueço-me que sou raiz.” (2014, p. 23-24)]. Surge o cansaço, o desejo da morte como libertação, o desconforto pela falta de adequação a um mundo de desilusão. O sujeito poético está mais maduro e veste a couraça da linguagem para ser o pirilampo que o filósofo francês Georges Didi-Huberman, em *Sobrevivência dos vagalu-*

mes, enxergou nos escritos de Pier Paolo Pasolini, para quem, ao contrário do que preconizava Dante Alighieri (que “cada chama contivesse um pecador” [*ogne fiamma un peccatore invola*]), as *luciole* (pirilampos) eram a representação da resistência aos projetores antiaéreos fascistas de Mussolini. Os vaga-lumes eram a resistência angustiada da poesia, tal e qual em *Vagas e lumes*.